Congresso União dos Operarios das Pedreiras
RUA ... 36
RIO DE JANEIRO

Anno II — 1 de Setembro de 1906 — Num. 37

O CONGRESSO

ORGÃO DE PROPAGANDA DO CONGRESSO U. DOS OPERARIOS DAS PEDREIRAS

Redactor: MARCELLINO RAMOS

Subscripção annual 3$000 — Residencia: RUA DA QUITANDA, 78 - 2.º andar

União e Resistencia

PUBLICAÇÃO QUINZENAL REDIGIDA POR OPERARIOS

Liberdade e Justiça

COVARDIA

Está mais do que conhecido que o individuo não é absolutamente nada, e que a associação de homens consientes é tudo.

Um homem isolado não póde exigir da Sociedade que o auxiliem porque collocou-se em uma situação falsa com o seu isolamento e por isso nada delle se póde esperár.

Veem estas linhas os caso de uns tantos individuos que querem salientar-se e para isso escolheram como ponto para mostrar as suas individualidades *A greve do Porto*. Foram infelizes na escolha do assumpto para se tornarem celebres; foram infelizes porque, em se tratando de uma questão tão importante e seria, era necessario agir todos de accordo para beneficiar efficazmente os companheiros em luta. Mas assim não acontece, infelizmente.

Por emquanto deixamos de parte o CONSTA, que parece ser verdadeiro, de cartas que vão em viagem para os Pedreiros Portuenses e para o Constructor Civil; deixemos tambem as collectas particulares que mandaram alguns individuos, que enterraram o socialismo á sahida do porto de Leixões (como diz o Antonio Barão) e que agora querem fazer bonita figura para quando lá forem receber o titulo de baronato ou alguma commenda; repito, deixemos tudo isto, por emquanto, esperemos o resultado... e o Constructor para depois falar do alto a estes nossos amiguinhos e vamos á covardia dos mesmos em outro ponto.

Como todos sabem, chegou ao Congresso uma circular dos Pedreiros Portuenses communicando a greve e pedindo o auxilio moral e máterial.

A directoria do Congresso, que não manda mas sim é mandada, convocou uma assembléa para resolver o assumpto e os meios de auxiliar os companheiros Portuenses.

Havendo nesta cidade mais de mil companheiros quasi todos do proprio Porto e que se esperava comparecessem em massa á dita assembléa, não o fizeram!...

A assembléa foi constituida com perto de 40 companheiros, ainda assim quasi todos portuguezes e tambem quasi todos dispostos ao auxilio.

No correr da discussão de diversas propostas, tres ou quatro companheiros manifestaram-se contrarios ao auxilio dos cofres, e isto não foi por não comprehenderem que era justo o auxilio, mas sim pelos antecedentes, isto é pela acção praticada em assumpto identico com os companheiros da Ponta da Areia e que era necessario *ter um carão de tres palmos* para resolver agora em contrario.

Mas os tres ou quatro que se manifastaram contra unicamente pelo motivo acima exposto, não constituiam maioria e os outros presentes porque não approvaram a proposta que mandava soccorrer dos cofres e viram-se contra o Congresso, como se este fosse algum *mono de gesso* e não elles proprios.

Mas o ponto principal está na ausencia premeditada dos companheiros, que agora dizem que isto não parece uma sociedade de resistencia, como se elles fossem uns grandes conhecedores do que são sociedades de resistencia.

O que é incontestavel, é que os companheiros das officinas da Urca, Januzzi, Mandim, etc., todos queriam que o Congresso auxiliasse dos cofres; note-se, TODOS QUERIAM, mas ficaram em casa ou nas tavernas,

Ora, nós comprehendemos isto muito bem, felizmente; TODOS QUERIAM mas ninguem queria se pronunciar na assembléa a esse respeito; é que elles sabiam o *carão* que era preciso para fazerem agora o que negaram ainda ha pouco a companheiros d'aqui. E não foi só isto, não: os companheiros queriam que os que vieram á assembléa resolvessem, para depois elles ainda censurarem a resolução, como não poucas vezes o têm feito; isto é clarissimo, companheiros, e é a prova da vossa covardia; vós QUERIEIS que o Congresso désse do cofre um ou dous ou tres contas de réis, mas não querieis assumir a responsabilidade desse acto e por isso ficastes em casa; vós *querieis jogar a pedra e esconder a mão que a jogou*; olhae companheiros, se os que vieram resolvessem a dar os contos de réis aos companheiros do Porto, vós que sois do Porto, que tendes lá vossas familias, que tendes lá vossos interesses, e que *tinheis muita vontade de os auxiliar*: ereis os primeiros nós bem vos conhecemos) a dizer que aqui no Congresso só uma meia duzia fazia o que queria, *que era a panella quem mandava* e muito mais ainda; mas olhae companheiros, vós enganaste-vos com os calculos, podeis falar o que quizeres, nenhum homem de consciencia vos dará razão.

Vós, quando quizeres resolver um assumpto destes, haveis de vir ao Congresso, discutir e votar conforme a vossa opinião, mas é aqui, na séde social; não é nos *freges* ou nas officinas; vinde ás assembléas e não vos importeis com os que discutir em contrario ás vossas idéas; votae com a vossa consciencia, que os contrarios, uma vez vencidos, sabem que têm de acompanhar a maioria, ao passo que vós não tendes esta sinceridade, sois vencidos por não frequentar a sociedade e depois andaes a dar a lingua por fôra.

Todos os que vieram á assembléa cumpriram o seu dever e não temos que os censurar, pelo contrario elogiamos todos os que eram de accordo a auxiliar os Portuenses e especialmente o companheiro *Francisco S. Gabriel*, que teve a sinceridade de propor o auxilio; elogiamos tambem os que os combateram, porque tiveram a franqueza de expor as suas idéas.

E censuramos os que a ella não compareceram, porque foram os que approvaram a não se soccorrer dos cofres e esta censura é especialmente aos que QUERIAM que se soccorressem e ficaram em casa.

Covardes, não tendes coragem de assumir a responsabilidade dos vossos actos e opiniões.

Nota: Não se soccorreu da caixa, mas abriu-se um rateio entre os socios nas officinas para esse fim.

Os companheiros que mais QUERIAM que os cofres soccorressem foram justamente os que não assignaram as listas do Congresso. Dizem elles — oh santa ignorancia! — que o mandavam em particular, para não ir em nome do Congresso.

Esses infelizes pensam que o Congresso ia mandar em seu nome o que os companheiros assignassem.

Esperamos as famosas correspondencias que para lá mandaram, para nos manifestar mais á vontade.

Dizem que essas correspondencias falam muito do *egoismo* e por isso mesmo convem esperar para com mais energia manter a opinião que temos tido até agora.

◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆

AS SUBSCRIPÇÕES

Em nossas fileiras a subscripção é a arma com que constantemente soccorremos os nossos companheiros, que a iufelicidade persegue.

O que, finalmente estamos desconhecendo é o modo como actualmente são ellas encaradas pelos nossos companheiros nas officinas.

Em tempos passados já; quando o Congresso, era uma associação pequena, tinha uns trezentos ou quatrocentos socios e mais ou menos tantos tinha a classe; as subscripções eram quasi sempre subscriptas por todos os companheiros que assignavam o que a sua generosidade permittia; e note-se que naquelle tempo os companheiros não viviam num "*paraiso*" como áctualmente "*que tudo são flores*".

Hoje que a classe tem mais de *mil* e quinhentos, companheiros, vemos com espanto que as subscripções dão ainda menos resultados que quando nós atravessamos aquella senda de espinhos de 1902 — 1903 — 1904.

Alem disso ainda não é só o não darem resultado é que ha companheiros que quando vê uma *lista* na officina são tão faltos de caracter que se o Congresso é quem envia a subscripção como intermediario quem a tira é o delegado e neste caso o delegado recebe todos os insultos que os ignorantes lhe querem dizer: *dizem que o Congresso só tira subscripções para comer* e que o *delegado é tambom como os directores*, e por fim depois de um *lenga lenga grosseira*, dizem que *se a lista não fosse do Congrcso que assignavão mas assim não*.

Quado por acaso aparece uma subscrição particular, os mesmos individuos perguntam logo, a quem se encarrega de tirar se a lista vem do Congreso e se quem pede é socio; e tendo por resposta; *isto não tem nada com o Congresso, é particular* elles, os mesmos que se ellas fosse do Congresso disiam que não assignavão nada dizem agora com o mesmo desplante: *não dou nada, isso não vem do Congresso não sabemos qara quem é, com cesteza não é socio: não! isso tudo é conto do vigario*.

De forma que são individuos que tem cera para tudo, em se tratando de socorrer qualquer infeliz socio ou não socio, membro da collectividade, ou de outra qualquer classe.

Porem nós conhecemos bem a *força* destes camaradas e apenas os lastimamos por não comprehenderem mais, mas tratando-se de subscripção ha algumas que elles assignão com enthusiasmo e até ao desafio a ver quem mais dà, para melhor cahir nas *graças* dos encarregados on mestres: *um rateio para uma espada de ouva ao Lauro Sodré como aconteceu na afficina Urca e todos assignão 5 e 10 mil reis e se fosse para matigar a fome a um companheiro assignariam 500 reis e antes ainda mimosearam o infeliz com uma roda de insultos*..

Nas officinas de Januzzi, de vez em quando collectas promovidas pelos encarregados para manifestações aos patrões adôrados, tudo subscreve cartões para theatro quando o patrão entende concorrer, para o beneficio de qualquer bandido de casaca, tudo acceita e é 5$000 reis cada cartão, mas dár cinco ou dez tostões para socorrer um infeliz companheiro, qual!

Em S. Diogo é todos os mezes manifestações ao engenheiro e mimos etc,.. Em todas as outras officinas acontece o mesmo ao passo que os nossos companheiros deixam-se morrer de fome e sem tratamento'

Quando chegaremos a ser homens.

Quando saberemos cumprir com os nossos deveres.

Ainda agora para uma manifestação ao Prefeito [illegible] dá o mais que póde isto é na Urca.

* * *

A LUTA

Lembrando-me hoje de vir pela primeira vez occupar um pequeno espaço das columnas do nosso jornal sobre o meu modo de pensar, tomo por epigraphe *A Luta*.

A luta antes de ser declarada é ou deve ser premeditada.

E para a luta nos trazer a victoria por nós esperada quando a declaramos, é preciso que na sua premeditação esteja o modo de pensar dos companheiros que tentam declaral-a, de commum accordo com as melhores opiniões no caminho a seguir; pois que, é esse o nosso dever para darmos logar ao epilogo de, *um por todos, todos por um.*

Mas pergunto eu companheiros:

Quando chegará o momento de todos assim pensar? Não ha de certo companheiro algum que me possa responder affirmativamente.

Percorrendo as columnas de diversos periodicos operarios vejo a cada momento artigos d'este ou d'aquelle companheiro que diz. Companheiros — approxima-se o momento decisivo; chegou a hora de lutarmos pela reivindicação dos nossos direitos; á luta que a victoria é certa; e outras diversas phrases que encitam os companheiros a uma breve luta.

Eu, porém, companheiros, penso de um modo muito differente.

O momento em que havemos de emprehender uma luta em que possamos ter uma esperança na victoria certos de que companheiro algum a atraiçoará, vem ainda muito longe.

Ha de chegar um dia quando todos nós encararmos de frente o luctuoso estado presente, e o grandioso futuro que nos espera. Quando nós não pensarsarmos só em nós mas sim tambem em nossos vindouros. Quando nos deixarmos ou abandonarmos por completo as hediondas attribulações do carrancismo.

Quando finalmente, o nucléo da obscuridade que nos encobre o cerebro seja fulminado por um raio de luz da nossa consciencia, que existirá mais tarde quando nos dedicarmos com afam á instrução socialista, por grande espaço de tempo, o que se torna necessario para assim nos tornarmos conhecedores dos nossos direitos.

E' este o primeiro caminho que temos a seguir, para que quando chegue o momento de lutarmos pelos direitos que nos assiste, termos o pleno conhecimento de que a nossa causa é justa, e que, julgando-a os companheiros todos pelo mesmo juizo, poderemos ter assim uma esperança mais certa de que a victoria de nossa parte não sucumbirá debaixo das garras daquelles que a todo o momento nos expoliam.

Emquanto assim não fôr, emquanto os companheiros em geral não procurarem instruir-se, escusado será iniciar luta de especie alguma, porque sempre encontraremos quem nos atraiçoe, o que dá logar a que nós tenhamos de nos render sem hesitação; e, precisamos considerar, que, cada um passo que dermos n'este sentido é mais uma muralha que se levantará na nosso caminho, cuja muralha levará annos para a derrubar.

Pedia-vos pois companheiros, (pois que é este o meu modo de pensar) para que vos dedicasseis todos e com toda a vossa vontade á instrucção de que necessitamos; do contrario nunca chegaremos a dar um passo para fóra do abysmo em que nos encontramos.

Lembrai-vos ou para melhor dizer, pensai o quanto passou o grande Demetrio Clemens nas suas viagens de propaganda por diversos pontos do seu paiz, soffrendo grandes dissabores, passando por graves decepções, sem nunca se lhe esgotar a paciencia, e sempre com innumera força de vontade de propagar as suas ideias aquelles que menos conhecimento tinham.

Além d'este, muitos outros ha que tem trabalhado (apezar da perseguição que lhe fazem os nossos expoliadores) com grande força de vontade, para fazer chegar ao conhecimento do proletariado em geral, o caminho que teem a seguir, os quaes eu conheço em diversas obras socialistas, mas que se me torna difficil descrever aqui devido á pequenez do nosso jornal.

Porém, sempre vos faço lembrar as preciosas palavras de *Carls Max* quando diz; *Operarios de todo Universo Univos.*

J. F. S.

◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆

PELA IMPRENSA

Não pretendemos contestar os nossos companheiros da «*Terra Livre*» na sua apreciação no numero 15 ao Congresso U. dos O. das Pedreiras; não podemos tambem deixar de manifestar-nos a respeito.

Dizem os collegas: *que é justo e necessario as greves ser espontaneas*» perfeitamente, nós mesmos não admittimos que as associações declarem greves, mas julgamos que aquelles operarios que a isso são forçados devem ter consciencia do acto que promovem, devem ter medido as forças com que podem contar; ora isto não se deu: um dia mostramos aos principaes promotores do movimento uma carta *anonima* em que diziam que de todos os operarios (uns 250) não havia 50 que quizesse a greve, elles o confirmaram alem disso na reunião aonde ella foi resolvida não estavam metade dos operarios.

Com relação aos *cem mil réis* os companheiros diz: *que a accuzação fere tanto os grevistas como a sociedade*; de accordo, no nosso numero passado dissemos que houve muito erro, e não procuremos livrar a sociedade desse facto.

Dizem que o autor da carta diz *que a Directoria teme que gastando o dinheiro decaia a sociedade*, e que outra carta *protesta contra a Directoria, confirma a repugnancia em gastar o dinheiro* e diz *que o thesoureiro é inimigo de greves, e os aconselhava a irem trabalhar.*

Nós francamente admira-nos tanta ingenuidade, dos autores das *cartas* enfim dizemo-lhes que a Directoria não teme nada ella executa o que as assembléas resolverem, a Directoria foi demittida, mas não foram os grevistas que a demittiram, pelo contrario defederam alguns de seus membros.

Gastar o dinheiro amontoado quem o manda gastar e da-lhe applicação são os socios em assembléa, a Directoria nada faz sem essa autorização e se o fizesse assumia a responsabilidade o esta ninguem a quer.

O thezoureiro é inimigo de greves os companheiros não o conhecem e o autor da 1ª carta está longe de ser firme em qualquer movimento como o thezoureiro o tem sido.

Aconselhava-os a ir trabalhar, os companheiros aproveitem *tudo*, mas a verdade é que elle disse uma occasião que fossem trabalhar; mas, em que condições o disse? Exaltado num dia em que os companheiros queriam tirar-lhe o dinheiro quasi á força, e sob ameaças, não se lembrando que elle era o responsavel e não tinha autorisação para tal e já por algumas vezes lhe havia dado dinheiro, o autor da primeira carta sabe bem disso e sabe tambem que foi um dia á casa do thesoureiro alta noite com desaforos.

A respeito da Caixa de Resistencia, estamos muito de accordo com os companheiros da *Terra Livre*, mas não tememos as indemnizações porque a sociedade não assume responsabilidade pelos actos praticados pelos socios; *dizem que póde correr o risco de cahir na estagnação das ricas, mas inactivas sociedades allemães.*

Já temos previsto isso ha muito e por vezes temos procurado accordar os nossos companheiros da sua criminosa apathia; mas os companheiros que se julgam conscientes são os culpados, porque em lugar de vir para a séde social chamar os outros á actividade, propagar o espirito de rebeldia contra a orientação quando esta não obedeça á resistencia ao patronato, não o fazem, vêm uma vez, com coragem para transformar tudo, mas não é possivel fazel-o! Abandonam é vão escrever para S. Paulo, para a Hespanha e para Buenos Ayres dizendo que a sua associação no Rio de Janeiro não é de resistencia.

E' o caso dos companheiros de São Paulo mandar-lhe perguntar o que é que elles fazem!

Os companheiros da *Terra Livre* interpretaram mal o nós dizermos que, se a sociedade não é de resistencia, a culpa é dos companheiros, que se *julgam* conscientes; nós dissemos *julgam* porque exactamente os que aqui se *julgam conscientes*; e o propalam desfazendo nos demais são os que menos conhecem a *questão social*, ou melhor, *o fim das sociedades de resistencia.*

—

NOTA.—O companheiro *J. M. H.*, diz-se autor da primeira carta; se é verdade, os companheiros da *Terra Livre*, podem-lhe perguntar quanto elle recebeu de auxilio e quanto receberam outros com mais necessidade, mais razão e mais conscientes; o companheiro H. 5 ou 6 dias depois da gréve disse que: *ou o Congresso manda dinheiro ou vou trabalhar*; e é um consciente.

AVISO

Prevenimos todos os companheiros que, por falta de espaço, não nos é possivel publicar ainda as collectas de Eurico Paiva, Manoel Caetano e a subscrição do nosso periodico *O Congresso*, bem como o balancete do 2º trimestre e diversas resoluções, assim como a secção — *Pelas officinas*, na qual muito temos a fallar.

Estamos trabalhaudo para augmentar o formato do jornal, e se o conseguirmos, tudo ha de ser safisfeito e faremos o possivel para trazer os companheiros ao par do movimento operario em diversas partes.

A REDACÇÃO.

RESOLUÇÕES

DO

1º CONGRESSO OPERARIO BRASILEIRO

Recebemos um folheto contendo os accordos tomados no Congresso Operario.

Será bom que agora as sociedades se orientem no caminho que têm a seguir, tendo em vista o que foi debatido nesse Congresso, a que quasi todas adheriram.

◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆

PATRIA

Ficae scientes companheiros que destes um mau exemplo; e que se não for a consciencia dos camaradasque agora desprezastes, em qualquer occasião de luta tereis a "*boycottag*" desses companheiros.

Vos esquecestes os vossos deveres de companheirismo, e a continuar assim, tudo é inutil, envez de lutarmos contra o capital, lutaremos uns contra os outros o que é uma vergonha.

Nós, companheiros devemos lutar pelo bem commum, e as resoluções tomadas pela maioria devem ser acatadas com respeito.

E' certo que antes de se declarar uma luta deve-se levar ao conhecimento de toda a collectividade e ouvir esta manifestar-se a respeito; facto que o ultimo movimento não teve mas que, nem por isso, podia deixar, de merecer a sympathia dos companheiros, senão fosse, o espirito nacionalista e patriotico que os faz, serem loucos perigosos:

A paz e a liberdade, não podem existir, emquanto não se banir radicalmente da humanidade, o nacionalismo e patriotismo; e para isso conseguir é preciso que todos os homens se unam em agrupações, livres de taes preconceitos, livres de sectarismo.

Comprehendei companheiros que a *patria* é uma mentira; O estado. é um roubo! O Clero, a corrupção das consciencias.

Abandonemos todos estes preconceitos e dediquemo-nos a liberdade que nos traz a paz e a felicidade.

Vosso camarada.

BENTO RODRIGUES.

A Ingratidão

Muito me custa traçar estas linhas, com o sentimento que tenho, pelos meus companheiros pensarem que são mais do que eu.

Quizeram manchar minha dignidade; mas companheiros eu sou filho da natureza como vóz, os exemplos que nos ensinam o passado são de desgraça, e eu sendo victima da vossa crueldade, sinto-me accorrentado pelas cadeias com que me prendeis; não é só o burguez que me anniquilla, vós tambem sois meus algoses mas ainda não perdi a esperança da salvação, cruso os braços porque sou debil e ignorante, vos fazei o que entenderes, porém ficai sabendo que não sou oculpado, foi a estrella do meu destino que assim me guiou

Não posso negar que os homens que adquirem uma certa indevidualidade pelas suas convicções pessoaes e pela sua conducta juntan-se a outros cujas edeias se a proximam e julgam-se numerosos e aptos para constituir assembleas nas quaes as edeias e vontades estejam de perfeito accordo e por instintos espantaneos sem duvida; os actos é que nem sempre tem a reflexão que lhe era propria e não poucas vezes se menoscaba a degnidade de outros para adquerir a propon derancia.

Temos visto reuniões respeitosas e bem diferentes dessa massa de bocifarantes que se envilecem até a bestialidade; mas vos companheiros vos pareceis com os militares, so trataes de anniquilar os vossos companheiros e possuiços de loucura e igoismo, desprezaes os sentimentos puros' para só anniquillar aquelles que lutam com consciencia e sem oscilações pelas classes soffredoras.

Eu preciso estudar muito o caminho que tenho a seguir e não me illudir com os innovadores porque os encontro com frecuencia só de palavra e que carecendo de personalidade se deixam de levar pelos retrogados; tambem ha os que por petulancia e banalidade fingem levantar-se e ão menor contratempo mudão de opinião.

Qual será o homem que não tenha ideias socialistas? basta o echo da burgnezia. a escravidão a que nos accorrentam com todas as suas miserias para nos fazer revoltar contra os ricos potentados que nos assasinão nas officinas depois de nos roubar o nosso amargo suor.

Por isso companheiro; dizem que a emancipação dos trabalhadores; ha-de ser obra dos mesmos trabalhadores esta espressão e bem certa, mas é preciso que nos sigamos o homens livres e já, um tanto emancipados, é só como as revoluções que se tem progredido.

Deixae dessas edeias mesquinhas e retrogadas que vos dominão

Deixae de ser inconscientes como eu tenho sido e pensae no futuro.

Esquecei as questão indeviduaes que só nos atrazão.

*
* *

Aproveito a occasião para enviar a minha saudação aos companheiros *Portuenses* pela luta que encetaram faço votos pela victoria da sua causa e chamo attenção dos nossos companheiros daqui para ver como os nossos irmãos de alemmar sabem lutar para o seu bem estar enquanto nos aqui estamos dormindo o somno dos felizardos.

Ah! mas o futuro vem ahi bastante sombrio e então so com a União e que faremos a Revolução Social.

11-8-1906

MANUEL JOAQUIM GOMES

◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆

AVISO

A Redacção previne a todos os delegados nas officinas ou a qualquer companheiro que ainda tenha cartões da subscripção voluntaria deste periodico, a vir entregal-os immediatamente na sede social afim de fazer apuração dos companheiros que pagaram ou não.

Previne-se tambem aos companheiros que ainda não pagaram e o queiram fazer a vir a secretaria.

◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆

União Operaria do Engenho de Dentro e Junta Auxiliar dos Operarios.

Contracto que fazem as União Operaria do Engenho de Dentro, com séde na Capital da Republica Brazileira e a Junta Auxiliar dos Operarios, com séde em Villa Nova de Lima, Minas Geraes, Republica dos Estados Unidos do Brazil, por seus presidentes: Antonio Augusto Pinto Machado e José Mamede Silva, o primeiro competentemente autorisado por uma assembléa geral, e o segundo, para approvar numa respectiva assembléa para esse fim convocada na presença do primeiro.

Art. 1º. Pelo presente contrato, fica sem effeito o que foi lavrado em Lafayette, em 19 de Junho de 1905.

Art. 2º. A União Operaria do Engenho de Dentro e a Junta Auxiliar dos Operarios, ficam unidas moralmente para todos os fins sociaes.

Art. 3º. A séde central da Junta Auxiliar dos Operarios, será no Rio de Janeiro, a séde da União Operaria do Engenho de Dentro, cuja directoria desta providenciará sobre qualquer facto que actúe sobre aquella.

Art. 4º. As duas associações contractadas se compromettem a trabalharem em commum por novas organisações, a Junta Auxiliar dos Operarios cogitará da creação da "Federação dos Trabalhadores em Mineração no Brazil" e a União Operaria do Engenho de Dentro da creação do "Federação Geral dos Trabalhadores em Viação Terrestre no Brazil".

Art. 5º. As duas associações contractadas se compromettem a agir de accordo com as evoluções racionaes e praticaveis, visto que têm suas leis registradas nos registros competentes.

Art. 6º. A "Junta Auxiliar dos Operarios" contribuirá para essa propaganda com a impressão de manifestos, folhetos e mais impressos necessarios á mesma, além de uma pagina destinada a assumptos da União Operaria do Engenho de Dentro, no seu orgão "A Luz Social" ou outro jornal que venha a ter. E ainda com 50$000 (cincoenta mil réis) mensaes, para a "caixa de propaganda" da União Operaria do Engenho de Dentro.

Art. 7º. A União Operaria do Engenho de Dentro se compromette a não aceitar como socios qualquer operario que trabalhe em Villa Nova de Lima, ferindo assim a Junta Auxiliar dos Operarios, de accordo com o resolvido no Congresso Operario Regional Brazileiro, no qual a União tomou parte e aceitou suas deliberações realizaveis e praticas.

Art. 8º Tudo que fôr necessario á Junta Auxiliar dos Operarios da Capital da Republica, a União Operaria do Engenho de Dentro, por sua directoria agirá incontinente.

Art. 9º Este contracto entra nesta data em vigor, podendo ser reformado, quando a pratica dos directores das duas aggremiações o julgarem.

Villa Nova de Lima, 18 de Agosto de 1906.

ANTONIO AUGUSTO PINTO MACHADO

JOSÉ MAMEDE SILVA

◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆ ◆

Typ. e Pap. Portella — Rosario, 107

intelligencia de uma idade mais desenvolvida. Da sua fronte transandava a candura e a virtude; seu rosto puro e ameno inspirava confiança, e o meigo sorriso que brincava em seus labios de parceria com a frescura das feições, deixava divisar todas as sensações de sua alma que reflectiam em seu rosto cheio de simplicidade e amor.

Como sua mãi, a sua estatura era alta, delgada, de fórmas finas e aristocraticas; e o seu gesto e ademan pareciam inspirados por um não sei quê tão seductor e attrahente que bastava vêl-a uma vez para não se poder deixar de a amar com enthusiasmo. Em redor della pairava como que um aroma doce, delicioso, que se aspirava com sofreguidão e custa rios de lagrimas aos amantes apaixonados e, as lagrimas, ou por outra, o doce orvalho desse delicioso aroma parece revolver todo o nosso espirito quando estreitamos ao peito esse rosto divinal e lacrimoso! Nos grandes olhos, de azul celeste, sombreados de ouro, tinha Albertina a expressão sincera de uma piedade incomparavel. Como é que não podia ser amado este anjo?! Quando o homem depara com um ente de tão finos predicados e é amado, póbe contar-se no numero dos mais felizes, e o seu dever de esposo obriga-o a respeitar esse anjo idolatrando-o com todas as fibras do seu coração. Mas, quão desgraçados e infelizes são aquelles que amando por passatempo se apoderam da candidez e pureza desses entes para as enganar e repudiar, sem coração, sem dignidade e sem escrupulos, esses nunca saberão preencher o logar de homens na sociedade, e mais tarde, ao declinar para a sepultura ver-se-hão sós abandonados, sem a doce companheira que amenisa as nossas dores, e nos consola e chora por nós até, e muito mal, é

Lá com elle ninguem brincava; as suas palavras eram uma escriptura, e o que elle dissesse havia de se fazer logo, e negocio concluido. E o seu negocio era uma grande especulação que exercia sobre o commercio do café, assucar, arroz, etc., etc. Em Portugal estabeleceu-se com a sua antiga industria, e não porque precisasse, dizia elle, mas para se entreter e passar o tempo; gostava do trabalho. Ah! se lhe mettessem nas mãos uma enxada e lhe dessem seis vintens diarios e uma tigella de lavagem ao jantar, talvez elle não gostasse do trabalho! E póde chamar-se trabalho á exploração abjecta que o burguez exerce sobre os operarios?! Este burguez tinha na sua industria de tecidos duas duzias de trabalhadores que explorava até á ultima gotta de sangue. Ah! bastava que o governo puzesse em pratica uma lei que obrigasse os industriaes a subsidiar os operarios quando decrepitos ou incapazes de trabalho, para diminuir esta exploração que é causa dos verdadeiros males do proletariado. Mas os governos nada dão ás classes trabalhadoras emquanto esses governos não forem obra sua! Em 1852 não era a a época das reivindicações operarias, assim como ainda hoje o não é, e essas classes trabalhadoras não tinham a consciencia do meio em que viviam. Alguns, porém, haviam que prégavam aos seus irmãos do trabalho a reivindicação de seus direitos, mas as suas doutrinas como ainda hoje, eram tidas como politicas, numa utopia inconcebiveis e taxadas de absurdas! Mais adiante mostraremos aos nossos leitores a indole dos operarios naquelle tempo.

A familia de Bazilio compunha-se de esposa e uma filha. Tinha parentes em segundo e terceiro gráo, mas

A GREVE DA PONTA DA AREIA

(CONTINUAÇÃO)

Imaginem que *socialistas* que dizem de vez enquando, que o Congresso não presta, que não ha sociedades como na Europa.

Talvez que o mais delles não conheçam as sociedades da Europa e se as conhecem é por theorias não por pratica; e quantos traidores andam por aqui, por ter sido corridos pelas sociedades das «*terras d'elles*» e apresentam-se como grandes conhecedores do movimento associativo.

E' innegavel que a maior parte dos companheiros da Ponta d'Areia, estavam bem munido, se não precisavam de soccorros, mas o Congresso tinha dinheiro que pagasse: nada de sacrificios; são muito solidarios tem muita união, mas queriam o auxilio como aquelles que não tinham recursos algum quando acabar acaba para todos e depois o nosso está no fundo da mala, os outros que se arrângem.

Temo-nos cingido aos da Ponta da Areia; aos de Moreira e Duarte, Urca e Tibau, não podemos fallar assim eram paredistas pararam para ser solidarios com os outros companheiros e a convite da reunião de 3 de junho; sobre o auxilio a estes temos a mesma opinião acima exposta tra só o uecessario para o seu sustento e não ordenado estabelecido, quanto a solidariedade é certo que foram *solidarios* mas foi até certo ponto e não poucas vezes foi preciso te · mão em alguns delles, referindo-nos aos do Tiban por ser um foco de *socialistas*; com grande pezar nosso somos obrigados a dizer que a excepção de meia duzia de companheiros todos os outros pararam pela garantia dos quatro mil reis e com receio dos que tinham em melhor cota a solidariedade do que o dinheiro.

Mas que lastima foi a solidariedade do Tibau! apenas pararam era todos os dias a pedir dinheiro como quem ha mais de um anno o não via ou recebia, o delles estava aferrolhado o que queriam era o da sociedade: d'uma vez mandaram dizer que ou se lhes mandava dinheiro ou iam trabalhar, (isto aconteceu muitas vezes até dous dias depois de receber o pagamento) o presidente do Congresso lá foi a correr com uma cedula de 200$000 para distribuir entre os mais *necessitados* lę chegando era preciso trocar a *nota* e um desses necessitados foi no fundo da mala tirou o "*arame*" trocou a "pelega" e no fim era dos necessitados.

Que socialistas!

Foi assim companheiros que levou-se quasi mez e meio de luta e quasi todos a traiçoaram o movimento.

Na proposta da famosa assembléa a que só compareceram nove companheiros com direito de discutir e votar dizia-se que só se pagaria o auxilio no fim da greve e aquelles que não atraiçoassem o movimento: podendo soccorrer-se algum mais necessitado, dispendeu-se assim cerca de *um conto e trezentos mil reis*, graças a energia do thesoureiro que se atendesse a todos os '*necessitados*" nem trinta contos lhes chegavam;

Como acabou a greve; ha quem diga que perdeu.se; nós não pensamos assim, nós até dizemos a greve ganhou-se, quando mais não fosse experiencia; mas mesmo nada se perdeu.

A greve declarou-se e depois todos so rivalisavam a ver qual conseguia ir trabalhar primeiro; na Panta da Areia reuniram-se e resolveram ir trabalhar nomearam a uma commissão pera propor isso ao inglez; eram mais de sesenta assignados, o inglez não aceitou esta era a 2. turma de traidores a primeira já trabalhava eram cavouqueiros ferreiros etc.

Depois organizou-se a 3ª. turma de traidores que levou uns trinta e foram acceitos: atraz destes foi o resto estava a greve terminada; perdeu-se? não, pois foi uma conquista até o ir trabalhar.

Ha neste meio companheiros que foram leaes dez ou quinze se tanto sacrificaram-se estes, e talvez não fossem os causadores da greve.

No Tibau assim que *rosnou* a traição da Ponta da Areia, foi um desastre que importava ter recebido quasi todos auxilios, rifaram a sociedade a foram trabalhar; apenas cinco ou seis foram firmes e sacrificados por isso mesmo.

No Moreira e Duarte p[illegible]n[illegible]aram que os canteiros do Roxo fossem atraiçoal-os e perdiam assim a mamata e toca trabalhar; traição, ou cousa que o pareça.

Na Urca ainda não trabalham ouve alguns leaes que se meixeram por outras partes e outrôs foram-uns para o Moreira e Duarte e outros para a Pont d'Areia.

Diante de tudo isto, e tomando a serio a proposta dos auxilios é certo que ha companheiros que a elles tinham direito.

Na assembléa de 19 de julho ultima sobre a greve resolveuse não distribuir; auxilio algum porque? segundo o espirito das discussões o Congresso não havia autorizado a greve quel fora declarada por iniciativa propria; e depois chamaedo a si a greve o Congresso é quem devia autorizar a volta ao trabalho quer com a victoria quer com a derrota. E assim não tendo acontecido, tendo tudo voltado ao trabalho sem satisfação alguma sem o Congresso, tinham os grevistas perdido os seus direitos. Foi este o espirito dominante na assembléa; notou-se tambem que não passara desapercebido o facto da assembléa que deliberou o auxilio ter sido illegal.

Não somos intransigentes na nossa opinião, e no movimento procuramos sempre uma linha de conducta a mais caraterizada nas normas do que julgamos ser o direito.

Sobre a resolução tomada divergimos apenas em parte.

Era-mos de opinião que se julgassem os traidores, assim como de se indemnizar os que se sacrificaram e foram leaes que infelismente foram muito poucos, diminutos mesmo.

Mas quando se não indemniza-se os da Ponta d'Areia por ser os autores da greve, e os que primeiro a atraiçoaram, ao menos alguns das officinas desta capital que muito se sacrificaram para ser soljdarios e não atraiçoaram.

A assembléa não entendeu assim e ao seu «*veriditum*» temos de nos submetter por que ela era legal; sabemos que muitos se sacrificaram, mas assembléa commeteria um grande erro se autoriza-se o pagamento da forma que a outra assembléa autorizou.

Assim foi melhor, dirão uns; ficou muito mal, dirão outros; mas ficou de pé dirão os conscientes; e terão razão dizemos nós e o dizemos convencidos porque sabemos de muitas *coisa* que elles tinhão planejado e que falhou.

Sabemos perfeitamente, que o acto do Congresso, em não auxiliar este movimento, não será appoiado no mundo social que não conheça de perto o nosso meio.

Mas sabemos tambem, que nenhum homem consciente que estude a questão; pode dizer que o Cougresso podia sahir desta questão por poria mais ampla do que sahiu.

◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆

FALLECIMENTOS

Sacrificados pelo soffrimento e torturados pela miseria, passaram ao *nada*, de onde vieram, os companheiros Guilherme Borges de Freitas e Manoel Caetano.

Registrámos os seus passamentos, e enviamos ás familias dos mesmos os nossos sentidos pezames.

não os queria ver nem de barro á porta; eram uns valdevinos sem eira nem beira, que esbanjaram o patrimonio em borracheiras e em outas coisas semelhantes, palavras delle. E portanto, estavam isolados da sua convivencia como verdadeiros estranhos.

A esposa era uma senhora bem delicada e instruida, cuja pobreza dos pais a obrigara a unir-se a um homem grosseiro, de baixos sentimentos e intratavel pelo seu genio irrascivel. Podia ter quarenta annos, e ainda conservava vestigios bem accentuados de uma formosura não vulgar. Era alta, flexivel e de fórmas aristocratas; as mãos alvas e pequenas, os pés como os das chinezas e duas grandes tranças de cabello até á cintura, o que lhe dava uma graça infinita apezar da sua idade. Como esposa soubera sempre cumprir fielmente com os seus mais sagrados deveres; como mãi, dedicava sempre a sua filha uma ternura e amisade incomparaveis. Chamava-se Clotilde da Silva Telles, e tendo acompanhado seu marido na viagem ao Brazil, seus pais falleceram na sua patria, abençoando-a e recommendando-lhe a virtude como unico legado que lhe podiam deixar.

Amava o seu marido até ao extremo, apezar das grosserias com que elle a tratava, e posto que a morte dos pais a contristasse muito, nem uma só palavra teve de recriminação para aquelle que era a causa de ella não poder receber o ultimo adeus dos que lhe deram o ser. Albertina era o nome de sua filha, uma linda e esbelta menina de 19 annos, para quem fazia convergir todo o seu affecto e amor, rodeando-a de todas as caricias e attenções que só as mãis sabem ter quando verdadeiramente amam a seus filhos. Bazilio, o burguez frio e severo, sem

apreciações para os liames da familia, rispido e intratavel, sem consideração alguma para sua filha, olhava para ellas com a indifferença com que se olha para objectos inuteis, e abstrahia-se nos seus algarismos com uma tenacidade de ferro, e como se além disso não houvesse mais nada no mundo.

Habitava uma linda casa, propriedade sua, em Miragaya, posto que então tivesse as officinas na torre da Marca, proximo ao quartel em que hoje está o 10º de infanteria. Era uma linda vivenda, com jardim nas trazeiras, para o qual se descia por uma escada de pedra, e ricas salas mobiladas a moda oriental, cujas paredes eram adornadas com preciosos quadros a oleo, coisa rara em casa de burguezes, mas devido a uma injusta quanto exhorbitante penhora que havia feito a um dos seus inquilinos.

Seriam quatro horas da tarde de um dia do mez de Abril. Albertina achava-se na sala em frente ao jardim, trabalhando na costura, sózinha e pensativa. Sua mãi costumava trabalhar junto della, mas nesta occasião uma doenço inesperada veio lançal-a ao leito da dor, e quando adormecia, Albertina vinha trabalhar para o jardim ou para a pequena salinha, vendo as flores puras e candidas como ella, e contemplando as livres avesinhas que chilreavam nos arbustos mirando-a de soslaio, e como que entoando os doces hymnos do amor.

O cerebro daquella creança povoava-se de fagueiras esperanças no brilhante futuro que a devia esperar no decorrer da vida que para ella tinha todos os encantos e attrativos que imaginar se póde. Em seu roste podia ler-se, ao mesmo tempo, a simplicidade da infancia e a